

Refletindo sobre a profissão de docente do Ensino Superior atual

Walace Rodrigues¹
Gecilane Ferreira²
Kerley Fernandes Duarte de Oliveira³
Paula Fernanda Carvalho de Godoi⁴
Heloísa Negri Sanches⁵
Uallace Carlos Leal Santos⁶
Jayrton Noletto de Macedo⁷
Natália Pacheco Lanzoni Yamashita⁸
Glenda Carvalho de Sousa⁹
Wania Lima Fernandes¹⁰
Raquel Torquato Rodrigues de Azevedo¹¹
Eliezilda Oliveira de Sousa¹²
Ana Chrystinne Souza Lima¹³

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: walace@uft.edu.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

³ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT.

⁴ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

⁵ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

⁶ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

⁷ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

⁸ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

⁹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

¹⁰ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

¹¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

¹² Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

¹³ Discente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais - PPGDire, Universidade Federal do Tocantins - UFT

Resumo

Este escrito busca pensar sobre a profissão de docente do Ensino Superior numa perspectiva pedagógica ampla, abarcando vários ângulos de tal profissão. Este escrito se coloca, metodologicamente, como um estudo teórico de caráter bibliográfico. Julgamos que este tema seja relevante para refletir sobre os diferentes aspectos da profissão docente no Ensino Superior em tempos atuais de grandes e rápidas mudanças no ensino brasileiro. Os resultados deste artigo mostram o quão multifacetado deve ser o professor do Ensino Superior atual para conseguir dar conta de uma didática que interesse a seu alunado e que o faça pensar criticamente. Vemos que a prática docente, em especial no Ensino Superior, é um constante desafio, principalmente para aqueles professores que não vieram de licenciaturas, como no caso dos cursos de Direito, na Medicina e nas Engenharias, entre outras áreas.

Palavras-chave: Ensino; Ensino Superior; Docência.

Abstract

This paper seeks to think about the teaching profession of Higher Education in a broad pedagogical perspective, covering various angles of such profession. This writing is placed, methodologically, as a theoretical study of bibliographic nature. We believe that this theme is relevant to think about the different aspects of the teaching profession in Higher Education in current times of great and rapid changes in Brazilian education. The results of this paper show how multifaceted the current higher education teacher must be to be able to deal with a didactic that interests his students and that makes him think critically. We see that teaching practices, especially in Higher Education, is a constant challenge, especially for those professors who did not come from licentiate degrees, such as in courses of Law, Medicine and Engineering, among other areas.

Keywords: Education; Higher Education; Teaching.

Introdução

Este artigo nasce a partir das discussões e trocas na disciplina intitulada “História, formação política e didática para o ensino superior”, ofertada no segundo semestre de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no

Campus de Araguaína.

Ainda, este trabalho baseia-se em parte da bibliografia utilizada na referida disciplina e abarca uma visão qualitativa de alguns aspectos pedagógicos (como didática, metodologias, conteúdos, estruturas físicas, horas trabalhadas, entre outros) estudados em sala de aula sobre a profissão de docente do Ensino Superior. Baseamo-nos, principalmente, neste artigo, nos ensinamentos de Libâneo (2001, 2006) e Freire (1961, 2008) para a discussão sobre a profissão docente do Ensino Superior.

Vale informar, também, que este trabalho é fruto de uma escrita coletiva. Tal dinâmica de escrita ocorreu em uma de nossas últimas aulas da disciplina informada e buscou coletar conhecimentos adquiridos durante as aulas, articulando práticas e teorias, pois alguns dos estudantes do referido mestrado já são professores atuantes no Ensino Superior.

Para começo de conversa sobre a docência

Começamos o desenvolvimento deste texto pensando que a profissão de docente requer uma constante reflexão sobre sua própria prática docente, uma vez que são muitos os desafios (tais como a grande carga horária de trabalho, a falta de ferramentas e formação continuada para aprimoramento profissional, entre outros) para se alcançar um ensino relevante e uma aprendizagem significativa (reflexiva, crítica e ativa) para o estudante. Neste sentido, o docente deve ter uma visão estratégica dos objetivos a serem alcançados para seus estudantes. Ainda, tal docente deve conhecer seus estudantes e suas realidades, conforme salienta o pesquisador e professor Libâneo:

[...] não existe o aluno em geral, mas o aluno vivendo numa sociedade determinada, que faz parte de um grupo social e cultura determinado, sendo que estas circunstâncias interferem na sua capacidade de aprender (...) Um bom professor que aspira ter uma boa didática necessita aprender a cada dia como lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, suas percepções,

sua prática de vida. Sem esta disposição, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas relacionadas com o conteúdo, condição para se conseguir uma aprendizagem significativa. (LIBÂNEO, 2001, p. 3)

Também, o professor precisa partir do entendimento de que, mais que dominar os conteúdos a serem apresentados aos estudantes, é preciso estabelecer uma prática didática que conduza à formação dos estudantes de maneira mais ampla, contemplando diversos aspectos da vida em sociedade Conforme destacado por Libâneo:

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global que os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. [...] Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social. **Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.** (LIBÂNEO, 2006, p 16-17, negrito nosso)

Neste sentido, a prática educativa, a começar pelos ambientes escolares, reflete uma visão filosófica dos professores sobre o que é educação e uma visão de sociedade que se espera alcançar. Esses elementos (sociedade, educação, filosofia educacional dos professores) influenciam não somente os estudantes, mas também docentes e a sociedade em geral. E, dessa forma, políticas públicas educacionais são pensadas para que se obtenha uma educação que se relacione ao mundo social e vice-versa.

Alguns pontos sobre a docência no Ensino Superior

Vale ressaltar que o que caracterizaria/diferenciaria a atividade de trabalho no Ensino Superior é o nível de criticidade de conceito e de realidades que se espera

dos estudantes. No Ensino Superior, espera-se um estudante multiletrado e reflexivo a ponto de dar conta das relações entre teorias e realidades. Já na Educação Básica, busca-se a formação “básica” dos estudantes em nível de conhecimentos educacionais, por meio de disciplinas específicas, e que comecem a fazer sentido crítico do mundo que os cerca.

Dessa forma, alguns aspectos que marcam exclusivamente a docência no Ensino Superior seriam a necessidade de maior criticidade dos docentes em relação aos temas estudados, um maior aprofundamento de questões da realidade à luz de conceitos e teorias dos pensadores escolhidos para fomentar discussões, entre outros pontos.

Assim, os docentes do Ensino Superior, bem como as Instituições de Ensino Superior, para além de um compromisso com a qualidade educacional, devem ter, também, o comprometimento social com a formação de seus estudantes. Isso porque os conteúdos e métodos utilizados pelos professores influenciam significativamente na compreensão da realidade social, cultural e política em que estão inseridos os estudantes, bem como na prática profissional que exercerão esses estudantes no futuro

Nesta direção, no Ensino Superior (por ter a responsabilidade não somente pela formação profissional em nível superior, como também pela formação social mais crítica e pró-ativa) o processo de ensino-aprendizagem deve acontecer de forma a possibilitar aos “alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento crítico e criativo” (LIBÂNEO, 2006, p. 22).

No que tange à docência no Ensino Superior e suas complexidades, é possível ter como norte o que Libâneo (2006) ressalta sobre a relação professor-estudante a fim de frutificar a atividade e obter resultados mais efetivos. O autor destaca que existem aspectos afetivos e emocionais dentro do processo de interação professor-estudante que são fundamentais na situação didática e na troca de conhecimentos. Essa interação também envolve outros fatores, tais como: a

didática das aulas, os procedimentos de execução e organização da aula, as atividades demandadas, a autoridade do professor, entre outros pontos.

Um dos aspectos do processo de ensino destacados por Libâneo (2006) é o cognoscitivo. Podemos compreender o aspecto cognoscitivo como o processo de captação do ensino compartilhado pelo professor, que tem como base a comunicação. Esta última deve ser clara e efetiva. Esse aspecto cognoscitivo também é de fundamental importância na teoria de Paulo Freire (1961):

Sem diálogo, forma autêntica de «comunicação», não há criticidade, fundamento da «integração». É na comunicação que se exercita a própria criticidade. (Jasper). A comunicação que venha da razão, e não provoque razão é mero «comunicado», imposto ou doado. É domesticação. Por isso é que a comunicação só é verdadeira quando há interação dos polos que se «simpatizam» através do objeto da comunicação. Aí existe racionalidade e o homem não se domestica. Na compulsão, ditado, ou na simples doação, inexistente a interação. Um dos polos se apropria do objeto da comunicação e, negando possibilidade ao outro para seu «tratamento» deixa-o passivo e «acomodado». Domesticado. No «ditado» ou na doação de que resulta o comunicado se estimula a irracionalidade. A acomodação. No diálogo, a racionalidade, com que o homem se humaniza. (FREIRE, 1961, p. 17)

Considerando que, no Ensino Superior, abordam-se temas de alta complexidade (diferentemente dos temas levantados na Educação Básica), é importante que o professor também possua a habilidade de explorar tais temas e lidar com eles com clareza. Quanto mais claro for o professor e mais assertivas forem suas atividades em relação ao estudante e à potencialidade cognoscitiva deste, maior a probabilidade de o processo de ensino-aprendizagem alcançar seu aproveitamento máximo. Um claro exemplo disto é a inclusão dos estudantes do Ensino Superior com algum tipo de fragilidade conceitual e prática na formação secundária, estudantes socialmente vulneráveis, estudantes com algum tipo de deficiência, entre outros exemplos. Tais estudantes podem requerer dos docentes um maior grau de empatia e de empenho para que se obtenham os resultados esperados de cada disciplina lecionada.

A potencialidade cognoscitiva, o nível de desenvolvimento, o preparo

pretérito do estudante, a idade dos estudantes e as experiências de vida de cada um são pontos a serem observados e respeitados para que haja uma boa cooperação educativa entre professor e estudante. Vemos, ainda, como necessário, que o professor ouça o estudante e compreenda suas limitações e capacidades. Para isto, a instigação ao diálogo, motivando os estudantes a se expressarem constitui um elemento importante para esse entendimento, conforme ressalta Libâneo:

[...] não se espera que haja pleno entendimento entre professor e alunos, mesmo porque a situação pedagógica é condicionada por outros fatores. Mas as formas adequadas de comunicação concorrem positivamente para a interação professor-aluno. (LIBÂNEO, 2006, p. 250)

Para Paulo Freire (2008), toda a educação deve levar em conta as opiniões das pessoas de maneira democrática, pois é dialogando civilizadamente e respeitosamente que podemos aprender e ensinar. Freire nos diz que:

Não há porém democratização fundamental que, instalando-se em sociedade fechada, ponto de partida de trânsito ou da passagem de uma época para outra, que não ponha em relevo posições inatuais pela sua inadequacidade com os novos anseios. Por outro lado, é a própria democratização, que se inicia em aprendizado, que exige a ênfase de uma educação para a responsabilidade social e política. O processo de democratização repele como inorgânica toda educação assistencializadora. Toda educação que não seja essencial e humildemente dialogal, pois, somente esta, enraizando-se numa matriz racional e gerando razão responde à essência da democratização. Não que o diálogo democrático, nascente da razão e gerador de razão, somente com o qual exercitamos a nossa capacidade decisória, deva converter-se numa forma anti-espiritual de negação da fé. (FREIRE, 2008, p. 142)

Também, quando pensamos na profissão do professor no Ensino Superior, ainda nos deparamos com muitos problemas.

Quando compreendemos as teorias de Libâneo (2001, 2006) e Freire (1961, 2008), por exemplo, percebemos a necessidade do profissional do Ensino Superior se qualificar e dar mais ênfase ao planejamento e ao preparo das suas aulas.

Ainda, para que um profissional consiga atingir seus objetivos em uma sala de aula do Ensino Superior é necessário todo um processo de qualificação específico da profissão docente, com disciplinas didático-pedagógicas e a formação de um olhar atento para as questões da educação.

Libâneo (2006) nos diz que a Didática é uma disciplina pedagógica fundamental na formação de qualquer profissional educador e que muitos cursos fora do campo das licenciaturas não dão atenção a ela. “A didática é, pois, uma das disciplinas da Pedagogia que estuda o processo de ensino através dos seus componentes – os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem” (LIBÂNEO, 2006, p. 52).

Numa reflexão sobre a didática do professor no Ensino Superior, com base em Libâneo (2006), podemos dizer que muito provavelmente cada tema a ser trabalhado em sala de aula pode ser abordado como um tema interrelacionado a conceitos já estudados e que devem ir se desenvolvendo por meio de discussões críticas e trabalhos acadêmicos. Entretanto, a didática trata-se de um instrumento extremamente importante e que viabiliza o trabalho pedagógico. Acerca de didática, Libâneo (2006, p. 66) acrescenta que:

O professor incentiva, orienta, organiza as situações de aprendizagem, adequando-as às capacidades e características individuais dos alunos. Por isso, a didática ativa dá grande importância aos métodos e técnicas como o trabalho em grupo, atividades cooperativas, estudo individual, pesquisas, projetos, experimentações etc., bem como aos métodos de reflexão e método científico de descobrir conhecimentos.

Uma outra questão que corrobora com a execução do trabalho do professor no Ensino Superior é o domínio da disciplina lecionada, onde o professor deve sempre estar bem informado e atualizado acerca das teorias e práticas (dos livros, trabalhos e artigos científicos antigos e recentes) relacionados à disciplina que leciona e aos fatos relevantes da sociedade. Além disso, o professor deve ter um senso crítico aguçado para mostrar a seus estudantes a atualidade e a

aplicabilidade das teorias na vida social da comunidade.

Vemos, também, que o processo de ensino abarca elementos constitutivos como: objetivos, conteúdos, métodos e a forma organizada que é uma aula. E o ponto de partida para organizar o processo de ensino-aprendizagem é pensar o planejamento e a avaliação. Libâneo (2006) afirma que planejar e avaliar são atividades que estão diretamente relacionadas e condicionadas ao conhecimento da dinâmica interna do processo de ensino-aprendizagem e das condições externas que co-determinam a sua efetivação.

Ensina-nos, ainda, Libâneo (2006), que o planejamento é “um meio para se programar as ações docentes, mas também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação” (LIBÂNEO, 2006, p. 221). Isso porque no planejamento são detalhadas todas as ações, tanto da instituição de ensino, como da atuação do professor, articulando a atividade escolar e os problemas do contexto social. Mais ainda, no Ensino Superior, o planejamento da disciplina como um todo e das aulas deve ter como eixo norteador um certo número de teorias de pensadores da área, que auxiliem no desenvolvimento de um pensar crítico e num aprofundamento lógico dos temas propostos.

É importante, também, ter um planejamento institucional, por justamente pensar sobre a atuação da instituição perante o contexto social e também para que fiquem claros quais são os meios, métodos e materiais que serão utilizados para se alcançar os objetivos propostos, e ainda, o papel e a atuação do docente em face dos recursos disponíveis e em um período finito. Segundo Libâneo (2006, p. 221), o planejamento institucional é “uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino”.

Portanto, o planejamento se faz necessário para que se pense na atuação institucional enquanto formadora de cidadãos ou de profissionais e para a atuação docente, pois “o planejamento é um processo de racionalização, organização e

coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social” (LIBÂNEO, 2006, p. 222). Contudo, ainda conforme Libâneo informa-nos, cabe aos profissionais que atuam na educação o:

[...] cumprimento das exigências dos planos e programas oficiais, a tarefa de reavaliá-los tendo em conta os objetivos de ensino para a realidade escolar onde trabalha”. Para cumprir essa demanda o autor infere que é preciso ainda “a criatividade, o preparo profissional, os conhecimentos de didática, de psicologia, de sociologia (LIBÂNEO, 2006, p. 228)

Em relação à passagem anterior, podemos verificar que para além da criatividade, os/as docentes também se movimentam num universo de normas regulatórias. Há protocolos que precisam ser “cumpridos” e que apresentam desafios constantes à atividade docente, fazendo com que estes necessitem ser flexíveis no pensar soluções cabíveis às “exigências” docentes impostas a eles/elas.

Sobre a avaliação do conteúdo aprendido, é importante informar, também, que a avaliação é uma técnica que permite observar a evolução do estudante tanto no âmbito quantitativo, quanto no qualitativo, sendo, desta forma, um meio de acompanhar a aprendizagem e, ao mesmo tempo, permitir que o professor avalie sua didática ao ensinar o conteúdo programado. Dessa forma, o professor pode modificar sua metodologia de ensino quando desejar se adequar às necessidades dos seus estudantes. Mas isso somente acontece depois de uma reflexão crítica do próprio professor acerca de sua prática pedagógica. Acreditamos, portanto, que tal reflexão sobre a prática docente deve ser uma constante na vida profissional de cada professor.

Entendemos que, para a realização da avaliação na prática pedagógica, deve-se haver um equilíbrio entre quantificar e qualificar. Nessa seara o autor coloca que “O entendimento correto da avaliação consiste em considerar a relação mútua entre aspectos quantitativos e qualitativos” (LIBÂNEO, 2006, p. 199).

Neste sentido, observamos os ensinamentos de Luckesi: “A avaliação escolar é um processo pelo qual se observa, se verifica, se analisa, se interpreta

um determinado fenômeno (construção do conhecimento), situando-o concretamente quanto aos dados relevantes, objetivando uma tomada de decisão em busca da produção humana” (1995, p. 25). Nesse sentido, o professor do Ensino Superior também deve se autoavaliar constantemente e buscar metodologias inovadoras para ensinar a uma geração cada dia mais informatizada.

Ainda, a avaliação é composta por etapas, que, conforme nos ensina Libânio (2006, p. 195), “buscam cumprir funções pedagógicas didáticas, de diagnóstico e de controle”. Sua função didática está relacionada à inteligência do professor em tratar dos temas em sala de aula, de modo a preparar o estudante para suportar as exigências da sociedade.

Para que seja aplicada a avaliação são utilizados instrumentos que auxiliam todo professor a executar tal tarefa, como, por exemplo, as provas, os trabalhos e os seminários. Porém, devemos observar atentamente todos os aspectos quantitativos e qualitativos dentro destes instrumentos avaliativos e compreender seus objetivos educacionais.

Voltamos agora ao começo para pensar que toda aula é uma forma de organização de ensino. Na aula se criam pensamentos novos, desenvolvem-se formas de conhecimentos e transformam-se as condições necessárias para que os estudantes obtenham conhecimentos, habilidades, atividades e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognoscitivas. A aula não deve se resumir a uma mera exposição do tema, mas deve consistir em um conjunto de formas didáticas. Ela também deve ser vista como um processo de estimulação e direção da atividade independente dos estudantes (cf. LIBÂNEO, 2006). A aula representa, ainda, uma situação didática específica, onde o conteúdo abordado precisa combinar com o método e as formas didáticas.

Compreendemos, portanto, que a forma como o professor conduz a aula não deve ser meramente expositiva, mas todo o processo didático da aula deve se amparar em um ciclo que promova o ensino-aprendizagem. Em outras palavras, a aula deve basear-se em situações que expõem objetivos, conhecimentos, desafios,

problemas, com finalidade instrutiva e formativa, e que despertem a aprendizagem.

Podemos pensar um pouco sobre o que seria uma “aula”: um espaço de tempo onde professores e estudantes entram em contato com saberes diversos e interagem a partir das teorias e atividades colocadas pelos professores. É nesse espaço de interação que professor e estudantes trocam experiências, saberes e fazeres, buscando seguir um planejamento proposto.

A aula, para Libâneo (2006), é instrumento essencial para organização do ensino, prescrevendo alguns tipos de aula, tais como: aula de preparação e introdução, aulas de tratamento sistematizado da matéria nova, aulas de consolidação (atividades) e aulas de verificação de aprendizagem ou controle (avaliação somativa ou formativa). Cada uma tendo em si seu motivo organizacional.

A aula de preparação consiste no conhecimento e organização prévia do professor sobre o conteúdo que será ministrado, assim como ajuda na gestão do tempo e na preparação da didática utilizada para o conteúdo que será abordado (cf. LIBÂNEO, 2006).

Sobre o tratamento sistematizado da matéria nova, Libâneo (2006) traduz o momento em que o estudante parte de um estado inicial do não saber tal tema para sabê-lo. Portanto, tal aula demanda, por parte do professor, processos didáticos necessários para atingir o objetivo proposto para a referida aula.

As aulas de consolidação consistem no início do aprofundamento do processo de ensino, podendo ser conhecida também como etapa de fixação. Por fim, nas aulas de verificação de aprendizagem estão inseridas nas demais fases do processo de ensino, pois elas ocorrem quando são dadas oportunidades aos estudantes de proverem seus conhecimentos de forma criativa, usando a teoria a prática (cf. LIBÂNEO, 2006).

Além disso, no processo de ensino-aprendizagem, o professor tem que ser capaz de entender a atual situação dos estudantes de cocriadores de conhecimento, bem como entender a individualidade dos seus estudantes. Isso

para que o processo de ensino seja produtivo.

Num mundo tão informatizado e online, muitas vezes os estudantes podem recontextualizar os conhecimentos teóricos a partir de suas próprias práticas atuais, até mesmo suas práticas digitais. E isto no Ensino Superior fica evidente quando trabalhamos com estudantes tecnologicamente muito mais bem preparados do que os professores. Percebemos que muitos professores, principalmente aqueles com mais tempo de profissão, que a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação ainda são um problema a ser enfrentado. E isso ficou claro durante as aulas online/remotas exigidas no período pandêmico de Covid 19 (2020-2022).

Considerações finais

Este texto buscou compreender vários pontos acerca da profissão de docente do Ensino Superior, principalmente tomando como base os ensinamentos de Libâneo (2001, 2006) e Freire (1961, 2008), além da utilização de outros autores do campo da educação.

Vimos alguns aspectos importantes no desenvolvimento da atividade docente no Ensino Superior, principalmente em relação às aulas, aos conteúdos a serem ofertados aos estudantes para que pensem de forma mais crítica e pró-ativa possível, à necessidade de preparação/reciclagem/apredizado constante dos/das docentes, entre outros pontos relevantes para pensar sobre.

Assim, entendemos que a prática docente, em especial no Ensino Superior, é um constante desafio, uma vez que, o professor precisa encontrar o melhor caminho para conduzir o processo de ensino de maneira a alcançar uma aprendizagem significativa para seu estudante. Aprendizagem esta pautada na construção coletiva de saberes, a fim de possibilitar uma formação profissional e uma formação social condizente com a realidade e demanda dos seus estudantes.

Por último, estamos convencidos de que não há neutralidade nas práticas de ensino-aprendizagem. Por isso, necessitamos de profissionais docentes do Ensino

Superior que consigam articular práticas e teorias, sempre refletindo sobre suas próprias práticas pedagógicas para tentar melhorar os processos didáticos de suas aulas. Assim, temos a certeza de que o professor do Ensino Superior deve ter uma formação didática fortemente enraizada em teorias relevantes e realidades atuais para lecionar nesta etapa de educação, independente da área de conhecimento deste profissional, além do domínio, pelo menos básico, das novas tecnologias de comunicação e de informação.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. Escola primária para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Vol. XXXI, nº 82, 1961.

FREIRE, Paulo. O professor universitário como educador. *Revista História de la Educación Latinoamericana*. Tunja, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, Rudecolombia, Nr. 10, 2008, pág. 139-144.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez. 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. *O essencial da Didática e o trabalho do professor: em busca de novos caminhos*. Goiânia, 2001. Disponível em: < <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/o-Essencial-Da-Did%C3%A1tica-e-o/421260.html> > Acesso em: 30 jan. 2020.

LUCKESI, Cipriano G. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1995.